

**Conflitos de gênero, mulher em situação de violência e o mundo do trabalho:  
ampliando espaços de vivência, convivência e sobrevivência na contemporaneidade**

*Gender conflicts, women in situations of violence and the world of work: expanding  
living spaces, coexistence and survival in the contemporary world*

Vivili Maria Silva Gomes<sup>1</sup>

**Resumo**

Trata-se de um ensaio escrito por uma mulher nascida numa família de operários do ABC paulista. Seu pai e sua mãe frequentaram o antigo curso primário na escola pública, no interior dos Estados de São Paulo e Espírito Santo, respectivamente. Seus avós maternos tinham essa mesma escolaridade e nasceram no interior do Estado do Rio de Janeiro. Porém, os avós paternos eram imigrantes espanhóis analfabetos que trabalharam na lavoura cafeeira da região de Piracicaba, SP, tendo chegado ainda crianças ao Brasil, no início do século XX, antes da I Guerra Mundial. Mesmo assim, estudando sempre em escola pública, a autora chegou ao doutorado pela Universidade de São Paulo. Casou-se, teve um filho e divorciou-se. Como acadêmica, traz neste escrito algumas reflexões à flor da pele sobre os conflitos de gênero e suas nuances à luz de seu conhecimento teórico e de vivencial em sua condição de mulher.

Palavras-chave: conflito de gênero; violência contra a mulher; mundo do trabalho; empoderamento feminino.

**Abstract**

This is an essay written by a woman born in a family of workers of "ABC paulista". His father and mother attended the former elementary public school within the states of São Paulo and Espírito Santo, respectively. His maternal grandparents had the same schooling and were born in the state of Rio de Janeiro. However, paternal grandparents were illiterate Spanish immigrants who worked on coffee plantations in Piracicaba, SP, having come children yet to Brazil in the early twentieth century, before the First World War. Still, studying always in public school, the author came to doctorate from the University of Sao Paulo. She married, had a son and divorced. As an academic, she brings to this written some reflections skin deep on the conflicts of gender and its nuances in light of her theoretical knowledge and experiential in her womanhood.

Keywords: gender conflict; violence against women; the world of work; female empowerment.

A inserção das mulheres no mundo do trabalho pós-revolução industrial integra o processo de sua emancipação. Tem propiciado conquistas históricas inquestionáveis que vêm contribuindo para a sua participação nas mais variadas ações na contemporaneidade, em busca da construção de um mundo onde o olhar feminino soma-se ao masculino e amplia o espectro de possibilidades de convivências. Nesse processo, as identidades e as alteridades se posicionam, ou pelo menos deveriam se posicionar,

<sup>1</sup> Professora Doutora da Universidade Federal do ABC (UFABC). Contato: [vivili.gomes@ufabc.edu.br](mailto:vivili.gomes@ufabc.edu.br)

como elementos de união (não de exclusão) e de complementação rumo a um mundo melhor para todos, mais justo e mais humano.

Por outro lado, a ampliação dos espaços de atuação das mulheres, além da casa ou âmbito doméstico, tem gerado uma gama de problemas, que se incorporam aos já existentes milenarmente, e que caracterizam as formas de poder manifestados nos mais diversos aspectos da vida humana e suas relações intrapessoais, interpessoais e ambientais, ou seja, no âmbito das três ecologias.

2

É a relação de subjetividade com sua exterioridade – seja ela social, animal, vegetal, cósmica – que se encontra assim comprometida numa espécie de movimento geral de implosão e infantilização regressiva. A alteridade tende a perder toda a aspereza. O turismo, por exemplo, se resume quase sempre a uma viagem sem sair do lugar, no seio das mesmas redundâncias de imagens e de comportamento. (GUATTARI, 2006, p. 8).

Nessa triecologia situam-se os relacionamentos entre masculino e feminino e os problemas deles advindos. No comportamento social, predominante nos últimos milênios, e vigente na maioria das culturas, seja ocidental ou oriental, onde a casa e a rua se separam (DaMATTA, 2003), feminino e masculino mantiveram-se com espaços de domínio e ação bem localizados. O masculino encontrou-se nos espaços sociais, públicos e mais visíveis. Já o feminino teve seu domínio restrito a espaços mais reclusos, menos visíveis e não públicos: os chamados espaços domésticos. Os acordos de gêneros ocorridos ao longo dessa história para manutenção desses espaços de domínio visaram evitar ou minorar os conflitos de gênero mais dramáticos e geradores de um possível esfacelamento da estrutura social básica: a família.

Em seu texto *O mal estar na civilização*, publicado em 1930, Freud ao apontar razões históricas e antropológicas para a formação do núcleo familiar diz:

Após o homem primitivo descobrir que estava em suas mãos-literalmente-melhorar sua sorte na Terra mediante o trabalho, não podia lher ser indiferente o fato de alguém trabalhar com ele ou contra ele. O outro indivíduo adquiriu aos seus olhos o valor de um colaborador, com o qual era útil viver...os membros da família foram seus primeiros ajudantes. É de supor que a formação da família relacionou-se ao fato da necessidade de satisfação genital não mais se apresentar como um hóspede, que surge repentinamente e após a partida não dá notícias por muito tempo, mas sim estabelecer-se como um inquilino. Assim o macho teve um motivo para conservar junto de si a mulher ou, de modo mais geral, os objetos sexuais; as

fêmeas, que não queriam separar-se de seus filhotes desamparados, também no interesse deles tinham que ficar junto ao macho forte. Nessa família primitiva falta ainda um traço essencial da civilização; a arbitrariedade do pai e chefe não tinha limites...A vida humana em comum teve então um duplo fundamento: a compulsão ao trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que no caso do homem não dispensava o objeto sexual, a mulher, e no caso da mulher não dispensava o que saíra dela mesma, a criança. (FREUD, 2011, p.43-46)

E Beauvoir complementa em *A mulher independente*, apontando razões históricas e sociológicas que:

...No seio da família, a mulher apresenta-se à criança e ao jovem revestida da mesma dignidade social dos adultos masculinos; mais tarde ele sente no desejo e no amor a resistência, a independência, da mulher desejada e amada; casado, ele respeita na mulher a esposa, a mãe, e na experiência concreta da vida conjugal ela se afirma em face dele como uma liberdade. O homem pode, pois, persuadir-se de que não existe mais hierarquia social entre os sexos e de que, *grosso modo*, através das diferenças, a mulher é sua igual. Como observa, entretanto, algumas inferioridades – das quais a mais importante é a incapacidade profissional –, ele às atribui à natureza. Quando tem para com a mulher uma atitude de colaboração e benevolência, ele tematiza o princípio da igualdade abstrata; e a desigualdade concreta que verifica, não a põe. Mas, logo que entra em conflito com a mulher, a situação se inverte; ele tematiza a desigualdade concreta e dela tira a autoridade para negar a igualdade abstrata. (BEAUVOIR, 2008, p.39-40)

De qualquer forma, no caminho trilhado nesse processo civilizatório, em especial nos dias atuais, esses acordos mostram-se frágeis, pois os espaços de ação dos gêneros se misturam: seus limites, antes tão bem definidos, agora ficam borrados. Liberado, o feminino sai de sua clausura, expande-se em direção ao social, torna-se também protagonista e não somente coadjuvante. Em contrapartida, o masculino assume também um papel mais intimista, mais doméstico com todas as suas nuances. Embora também reaja para manter a desigualdade concreta de que fala Beauvoir (2008), resistindo em concordar com a igualdade abstrata. Nesse sentido, diz Beauvoir:

...Assim, é que muitos homens afirmam quase com boa-fé que as mulheres são iguais aos homens e nada têm a reivindicar, e, *ao mesmo tempo*, que as mulheres nunca poderão ser iguais aos homens e que suas reivindicações são vãs. (2008, p. 40)



Ilustração 1 – Acrílico sobre tela de Carla Muaze, 1993 (acervo do Museu de Imagens do Inconsciente)

Indo do campo social em direção ao pessoal, no tocante ao corpo, este também apresenta-se como um incontestável espaço onde o masculino e o feminino se manifestam em aparência, distinguindo os sexos como fenótipos de homem e mulher, de forma visível. Mas, esse mesmo corpo, ao mesmo tempo, abriga uma *psique*<sup>2</sup> (JUNG, 1987) que em essência não manifesta de forma determinada essa distinção, a qual é construída socialmente e culturalmente pela afirmação de papéis compatíveis com a caracterização do sexo desde o nascimento da criança ou já na sua concepção. Sobre essa caracterização que ocorre desde a infância e se propaga ao longo da vida das meninas diz Beauvoir:

Se desde a primeira infância a menina fosse educada com as mesmas exigências, as mesmas honras, as mesmas severidades e as mesmas licenças que seus irmãos, participando dos mesmos estudos, dos mesmos jogos, prometida a um mesmo futuro, cercada de mulheres e de homens que se lhe afigurassem iguais sem equívoco, o sentido do complexo de castração e do complexo de Édipo seria profundamente modificado. (2008, p.111)

No campo do invisível da *psique*, há um espectro infinito de possibilidades de

<sup>2</sup> *psique*, do grego, alma; em psicologia junguiana, a estrutura psíquica formada por conteúdos conscientes e inconscientes (JUNG, 1987).

manifestações do que se entende por masculino e feminino num mesmo indivíduo, seja homem ou mulher. É o corpo também o lugar de encontro entre homem e mulher, onde o amor se manifesta nas suas mais diversas formas, numa mistura de espaços corporais femininos e masculinos que gera também uma gama de imagens e vertentes interpretativas da relação homem-mulher que passa pela sexualidade, ora divinizada, ora demonizada, dependendo de sua consonância com padrões sociais vigentes e aceitos, ou não, como por exemplo, homossexualidade, sexo fora do casamento, procriação fora do casamento, sexo antes do casamento, procriação antes do casamento, outras formas de casamento, etc. Em seu livro, *A cama na varanda*, Regina Navarro Lins sumariza essa ideia:

5

A relação entre homens e mulheres está sendo subvertida, assim como a visão do amor, do casamento e do sexo...Entretanto o processo de transformação das mentalidades não atinge todas as pessoas ao mesmo tempo,...variando de uma submissão total às normas sociais às transgressões mais extremas. (LINS, 2007, p.462)



*Ilustração 2 - Vênus de Willendorf, calcário neolítico, 24.000-22.000 a.C., Áustria (acervo do Museu de História Natural de Viena)*



No acordo milenar de atribuição de papéis sociais, embora o poder das mulheres no seu âmbito doméstico (expresso em denominações na cultura brasileira como “senhora”, “dona”, “rainha do lar”, “patroa”, “minha deusa”, entre outras) seja reconhecido socialmente, este é mantido restrito aos núcleos pessoais e familiares, no máximo atuando em núcleos socializantes, porém de poder e controle do homem e dos núcleos de atuação masculinos. Limitado a esses círculos, o poder das mulheres não está habilitado para ações de efetiva participação e contribuição social como, por exemplo, a política. Ações políticas afetam tanto pequenos grupos locais assim como grandes grupos populacionais distribuídos por extensas regiões de um país, um continente ou o planeta todo; e interferem no processo civilizatório e no caminho seguido pela humanidade. Sendo assim, na visão de um sistema patriarcal, constituído nas mais diversas culturas ao longo do tempo e, ainda, vigente na civilização tecno-científica contemporânea, mulheres na política colocam em risco esse sistema e, portanto, em perigo o sistema político-econômico vigente caso este não seja “guardado” por homens e simpatizantes, incluindo mulheres.

Porém, é bom lembrar que mulheres nesse contexto são vítimas, mas também são algozes, pois assumem atitudes condizentes com o padrão social a que são submetidas, a que são destinadas ou que conquistaram na sociedade patriarcal. Normalmente, é esse o comportamento que mulheres que atingem posições de poder as mais variadas, acabam desenvolvendo. A *psique*, seja masculina ou feminina, é afetada pelas condições a que se submete, e isso gera toda uma gama de *psique* individual que se extrapola para o social e ambiental traduzindo-se em atitudes e comportamentos sintonizados com o padrão patriarcal vigente. Keleman (2001), em seu livro *Anatomia Emocional*, discute a necessidade de se estabelecer comportamentos exteriorizados a partir de uma genuína essência interior, e não o inverso:

A sociedade atual acredita que você pode ser tudo aquilo que quiser. As imagens da mente dominam. Você escolhe um papel para representar e, em seguida, modifica e reduz sua própria imagem somática, fazendo-a virar algo “melhor”. Mas defendo que você experimente a sua imagem somática para conhecê-la como algo que você organizou a partir de dentro. Você se torna íntimo de sua estrutura e fica sabendo como o processo somático nos mantém numa continuidade ao longo de toda a nossa vida. Esse é o primeiro passo.

Na sociedade atual, praticamos a corporificação das imagens fabricadas por outros sobre como devem ser os seres humanos. Devemos ser poderosos, sensuais. Eu devo ser e agir como esse tipo de homem, esse tipo de mulher. Assim, começamos a praticar a corporificação daquela imagem externa, negando a nossa própria imaginação somática. Que imagem estou praticando ser? Que imagens pratiquei ser? E, naturalmente, que imagem está tentando ganhar forma a partir do meu próprio corpo?

Assim, mulheres são vetores para a perpetuação de imagens interiorizadas a partir da vivência no sistema vigente. Sendo as mulheres que vêm educando homens e outras mulheres ao assumirem o papel de mães, são as próprias mulheres que mais contribuem para a manutenção desse padrão. À parte a participação do homem no ambiente familiar, em atribuições consideradas de mulheres, tradicionalmente, esta ainda se mostra tímida, comparada à das mulheres no lar, assim como a dos homens no mundo do trabalho, cuja participação em muitas áreas ainda é predominante.

Ademais, aquilo que mantém esse *status quo* não está escrito de forma clara, “em bom português” e consolidado nos códigos legais das nações. Aliás, o que mais se afirma é o que não se sabe. Está, sim, escrito no imaginário de todos, homens e mulheres, manifesta-se em ações, muitas vezes, inconscientes de indivíduo para indivíduo (inconsciente individual), atinge a grande massa (inconsciente coletivo)<sup>3</sup>, origina-se em tempos imemoriáveis e perdura até hoje, afetando nossas ações cotidianas, aqui e agora, e o nosso futuro, e determinando a cultura humana<sup>4</sup>. A manutenção desse *status quo* também passa por um processo conspiratório de povoamento do imaginário feminino de coisas inúteis que em nada contribuem para sua emancipação, porém, lhes mantém ocupadas por tempo suficiente para limitar-lhes as ações, atrasando ou mesmo regredindo seu caminho de desenvolvimento e evolução. Não se trata de retirar-lhe a feminilidade mas, o contrário, de reforçar-lhe de forma extrema “e disso tiram autoridade para declarar que ela *quis* o destino que lhe impuseram.” (BEAUVOIR, 2008, p.104)

São mulheres engessadas por aplicações de “botox”, colocação de próteses de silicone para alterar as formas e modelar o corpo de acordo com padrões estéticos estereotipados, retirada de gorduras por aspiração e de peles sobressalentes por cirurgias plásticas. São levadas a passar horas infindas em salões de beleza para chapear os cabelos encaracolados ou cachear os cabelos lisos, arrancar os pelos por processos depilatórios os mais diversos, modelar as unhas e retirar as cutículas. Um número

<sup>3</sup> Inconsciente coletivo é um conjunto de sentimentos, pensamentos e lembranças herdados e compartilhadas por toda a humanidade (JUNG, 1987).

<sup>4</sup> Segundo Rupert Sheldrake “O aprendizado dos animais e dos seres humanos pode ser transmitido por ressonância mórfica através do espaço e do tempo.” (SHELDRAKE, 2014, p.223)

imenso de opções de trajes e acessórios a ela disponibilizados as leva a gastar tudo o que ganham, de forma a trabalharem mais e mais, quando são independentes economicamente, e quando não o são, acabam se submetendo aos seus maridos ou outros homens que possam sustentar-lhes. Novamente, a manutenção desse *status quo* exige das mulheres tarefas consideradas absolutamente supérfluas por muitos homens, mas que são necessárias ao bom andamento do ambiente doméstico como: fazer compras para casa, cuidar das contas, de empregados, dos filhos, frequentar reuniões escolares, levar e trazer os filhos em diversas atividades externas, além de atuar como profissionais nos mais variados setores da sociedade com a incumbência de ser também arrimo de família.



Ilustração 3 - Cópia em gesso de modelagem em barro de figura criada por Adelina Gomes, década de 50, semelhante a imagens datada do período neolítico (MUSEU DE IMAGENS DO INCONSCIENTE, 2016)

Nesse contexto, guardadas as diferenças que os últimos 50 anos de feminismo trouxeram de mudanças comportamentais, podemos atualizar as palavras de Beauvoir em relação à ilusão na qual são criadas as meninas, que as leva a carregarem um *fardo incômodo* que só a elas é destinado e ao qual nenhum dos homens que as rodeiam se submetem:



...toda a educação dela conspira para barrar-lhe os caminhos da revolta e da aventura; a sociedade, no seu conjunto, - a começar pelos pais respeitados - , mente-lhe exaltando o alto valor do amor, da dedicação, do dom de si, e dissimulando-lhe que nem o amante, nem o marido, nem os filhos estarão dispostos a suporta-lhe o fardo incômodo. Ela aceita alegremente essas mentiras, porque elas a convidam a seguir o caminho em declive da felicidade: e nisso está o maior crime contra ela. Desde a infância e ao longo da vida mimam-na, corrompem-na, designando-lhe como sua vocação essa demissão que tenta todo existente sedento de sua liberdade; se se incita uma criança à preguiça, divertindo-a durante o dia inteiro, sem lhe dar a oportunidade de estudar, sem lhe mostrar a utilidade disso, não se lhe dirá na idade adulta que escolheu ser incapaz e ignorante: assim é que é educada a mulher, sem nunca ensinarem-lhe a necessidade de assumir ela própria sua existência; de bom grado ela se deixa levar a contar com a proteção, o amor, auxílio, a direção de outrem; deixa-se fascinar pela esperança de poder, sem *fazer nada*, realizar o seu ser. (BEAUVOIR, 2008, p.104-105)



Ilustração 4 – Obra de Louise Bourgeois, *Fragile Goddess*, Tecido, 2002 ( Acervo da artista)

Organizar o lar, cozinhar, lavar, passar, etc. Doar, doar-se, dar-se, dar... de si. Onde está o tempo do encontro consigo mesma, com a sua essência por meio de seu potencial criativo? Onde está o tempo para o encontro com outras mulheres, em grupos de mulheres em que se possa falar dos problemas que lhes afligem e que traga

benefícios coletivos em vez de se manterem fragmentadas e desunidas? As mulheres se rendem aos gostos masculinos e aos padrões patriarcais estabelecidos milenarmente e adaptados, adequadamente e astuciosamente, às várias épocas de forma a serem iludidas e a pensarem que são aquelas que decidem. É claro, que beleza e questões estéticas interessam às mulheres: almejam serem belas, agradáveis e sedutoras. Mas, o preço que se paga por isso tem sido muito alto! Será que as mulheres gostam mesmo disso? De trabalhar fora e dentro de casa, em jornada dupla ou tripla sem direito a descanso semanal? Certo que homens, mas não em sua maioria, têm tentado se adaptar a esse esquema laboral das mulheres e têm contribuído para amenizar essa múltipla jornada insana.



Ilustração 5 – Obra de Figureira de Taubaté, SP (Acervo da Casa do Figureiro, Taubaté, SP)

No entanto, os 50 anos de feminismo também já foram contaminados por interesses ocultos e que designam um padrão de ação que diverge da maternagem, solidariedade e cooperatividade da Mãe-Terra (GADON, 1989). O poder da deusa, uma vez fragmentado, não possibilita às mulheres se reconhecerem como tal e com a força necessária para a quebra dessas algemas sociais invisíveis que as impedem de atingir

uma emancipação, de fato, que só ocorrerá por meio de uma autoanálise do que se passa em essência consigo e no conjunto das mulheres, propiciando seu fortalecimento, seu empoderamento.

Com o crescimento populacional, a formação dos aglomerados populacionais urbanos e a crescente atuação da mulher no mercado de trabalho, o sistema precisa ser revisto. Não está mais condizente com os anseios dessa mulher que amplia seus espaços de atuação e se vê envolvida em questões que outrora não lhe atingiam diretamente. As mulheres agora não conversam somente na cozinha, na porta das escolas, nos salões de beleza, na casa das vizinhas, no portão de casa ou debruçadas na janela. Seus espaços de conversa se ampliaram e se diversificaram. A expansão do universo feminino não se atém apenas aos espaços geográficos e sociais: são espaços de consciência. Espaços externos que se alternam com os espaços internos de expansão da consciência<sup>5</sup>. Nesse sentido, por se tratar de um processo ecológico, numa rede de relações pessoais, sociais e ambientais, a expansão da consciência feminina implica na expansão da consciência masculina e, conseqüentemente, na revisão dos papéis de ambos, homens e mulheres.

Uma das contribuições mais radicais que os homens podem oferecer para o desenvolvimento da consciência feminista coletiva será envolverem-se plenamente na criação dos filhos desde o momento do nascimento, para que eles possam crescer com a experiência do potencial humano total que é inerente às mulheres e aos homens.(CAPRA, 2007, p.407)

Mas, até que isso ocorra, os conflitos de gênero visibilizam-se. Não são gerados porque já o eram, mas se amplificam e tornam-se insustentáveis. Desaprisionam-se e, uma vez fora de seu cárcere, passam a serem atores importantes no processo de desmantelamento dos padrões sociais vigentes. Nesse movimento, as forças atuantes em desequilíbrio porque não mais estáticas, mas em processo dinâmico de busca de sua estabilização e, portanto, em processos de destruição-construção alternantes, se não forem acolhidas, “ouvidas”, tendem a se eclodirem em atitudes de desespero para não caírem em desesperança. O grito das mulheres violentadas entre quatro paredes não pode mais ser calado, pois o corpo se mostra e não esconde mais as marcas das arranhaduras, dos hematomas, das esganaduras, dos sufocamentos, dos estrangulamentos, dos cortes, dos ferimentos à bala. Sangue e lágrimas, lágrimas de

<sup>5</sup> Uma concepção sistêmica de consciência é dada por Fritjof Capra em seu livro *O ponto de pontuação* (CAPRA, 2007, p. 289-291)

sangue. Mulheres em situação de violência clamam pelo apoio da sociedade para se libertarem de seus algozes nos quais também se incluem. Precisam ser ajudadas a se libertarem de si mesmas, pois não se reconhecem como seres humanos plenos. Ah! E são muitas que já se foram e nem se sabe quem são. Porém, hoje, muitas já são ilustres conhecidas, pois surgem na mídia aos montes. Embora muitas silenciadas, o silêncio foi rompido: são Patrícias, Mércias, Elizas, Silvânias, Juceleides, Sirleis, Anas Paulas, Camilas, Sandras, Elianes, Marias as mais diversas, Islaine, Aparecida, da Penha. Sim, somos todas Marias da Penha! Que acionam a justiça, que lutam para a mudança da legislação, que ao ser aplicada mais, e mais, com o decorrer do tempo, será esta aplicada cada vez menos, e menos. Ao se coibir atos de violência contra a mulher, criminalizando-os, passam a não ser encarados como “normais” socialmente e culturalmente. Deixam de ser praticados “com razão” pelo homem por ser a mulher de seu domínio, o que também se manifesta na posse e no uso de seu corpo.



Ilustração 6 – Obra de Irene, Noiva, cerâmica policromada, Vale do Jequitinhonha, (acervo pessoal da artista)

A superação desses conflitos de gênero está na busca de saídas que envolvam formas assertivas para seu enfrentamento. Enquanto a expansão da consciência não ocorre, porque variados são os estágios de desenvolvimento nessa ecologia das relações, sendo diversos os tempos para tal evolução para cada um dos indivíduos nessa teia, deve-se encontrar e acionar mecanismos de contenção da violência no sentido de ajudar mulheres e homens a se reconhecerem nessa confusão. Reconhecer que somos parte do problema pode, muitas vezes, ser o bastante. Afirma Rogers: “Nesse momento, essa descoberta dissolve os seus construtos pessoais e anteriores e ele sente-se liberto do mundo onde até então vivera – uma sensação ao mesmo tempo maravilhosa e temível.” (2006, p.170-171)

Passar a dialogar consigo mesmo, com o outro, com os outros; ir além dos egos e dos superegos nessa ecologia pressupõe a participação dos poderes públicos e de grupos que se juntam para encontrarem formas de lidarem com os conflitos em prol de possíveis soluções. Quando os espaços antes bem definidos se borram e se mesclam, a solidez e rigidez das relações de todos os níveis se liquefazem (BAUMAN, 2001) todo o padrão instituído no mundo antes prescrito passa a ser contaminado por novas atitudes e este passa a ser corroído na rede pessoal, social e ambiental gradativamente até atingir níveis de degradação insuportáveis, de forma a serem descartados os padrões vigentes e incorporados os padrões emergentes. O lado bom disso é que quando se chega nesse tal ponto, novos conceitos já se mesclam aos velhos. Já vigoram, ainda que no campo pessoal e social, restritos a pequenos grupos que aos poucos se fortalecem e passam a se organizar e se posicionar no sentido de defenderem-se e de defender suas visões e conceitos. (CAPRA, 2007; SHELDRAKE, 2014)

Este é um caminho possível para o que se chama liberdade. E, liberdade na sociedade de mercado, no mundo do capital, significa independência econômica, viver de seu próprio ganho sem dependência do outro, sendo este o homem, no caso da mulher. Liberdade, numa sociedade que reabilita a escravidão (GORENDER, 1990), é ter trabalho e salário dignos para sua sustentabilidade e de seus filhos. O trabalho torna-se, então, o principal recurso para o empoderamento da mulher na sociedade do capital. Algumas vezes, a dependência não é econômica e essa é tão difícil de ser superada porque depende de fatores muito pessoais e internos à dinâmica psíquica da mulher. Na



maioria das vezes, pela própria condição feminina atual, ainda muito impregnada de uma forte dependência econômica do homem, os fatores externos que mantêm a mulher nessa condição podem ser alterados de forma a facilitar a sua inserção ou o seu retorno ao mundo do trabalho, deixado de lado quando do casamento ou do relacionamento conjugal.



14

*Ilustração 7* - Obra de Izabel Mendes da Cunha, Casal de Noivos, cerâmica policromada, (reprodução fotográfica de Dalglish (2008))

A necessidade de inserção das mulheres em situação de violência no mercado de trabalho, falando em termos práticos e na condição da mulher brasileira, em situação de violência e em busca de trabalho, cria a demanda já existente, e ainda não atendida, de vagas em creches para seus filhos e filhas pequenos e pequenas, respectivamente. Exige esforços para a sua qualificação profissional em áreas onde haja oferta de vagas no mercado de trabalho e para a sua admissão em vagas já existentes no mercado quando já qualificadas. Para isso, faz-se necessário que se garanta a reserva de vagas similar ao regime de cotas já existente para outros grupos em situação de desvantagem social.

Urge um olhar do poder público mais atento a essa mulher que vive em desamparo familiar, que não conta com um parceiro para apoiá-la no cuidado e manutenção da prole, que não recebe, na maioria das vezes, o apoio de seus familiares. Muitas vezes, esses familiares discordam dos seus encaminhamentos na busca de seu empoderamento, pois as atitudes que essas mulheres assumem no caminho de sua liberação contrariam os conceitos e padrões vigentes no imaginário pessoal e social de sua família. Assim, essas mulheres, já em situação de violência, sofrem mais ainda os efeitos da contenção social externa por parte de seus próprios familiares, com os quais também já não pode contar.

Precisamos caminhar juntos na construção de uma sociedade que volta seu olhar para aquelas que geram e cuidam de nossas crianças, que as ampara e que possibilita sua emancipação. Uma sociedade onde homens e mulheres não somente se olhem, mas que olhem juntos na mesma direção e superem seus conflitos em benefício de um mundo mais justo e mais humano.

...trata-se de se reapropriar de Universos de valor no seio dos quais processos de singularização poderão reencontrar consistência. Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época. (GUATTARI, 2006, p.35).

### Fontes das Imagens

1. <http://www.ccms.saude.gov.br/Cinquentenario/carla.html>
2. [https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A9nus\\_de\\_Willendorf#/media/File:Venus\\_von\\_Willendorf\\_01.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%A9nus_de_Willendorf#/media/File:Venus_von_Willendorf_01.jpg)
3. <http://www.ccms.saude.gov.br/Cinquentenario/adelina.html>
4. <http://www.tate.org.uk/whats-on/exhibition/louise-bourgeois/room-guide/louise-bourgeois-room-10>
5. <http://www.figureiros.org.br/index.php/historia>
6. <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/search/label/Irene%20Gomes>
7. <http://artepopularbrasil.blogspot.com.br/2010/11/isabel-mendes-da-cunha.html>

### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *A mulher independente*. Rio de Janeiro, RJ: Agir, 2008.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente*. 28.ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2007.

DaMATTA, Roberto. *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 6. ed. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2003.

DALGLISH, Lalada. *Noivas da Seca: Cerâmica Popular do Vale do Jequitinhonha*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*. 1.ed. São Paulo, SP: Penguin Classics Companhia da Letras, 2011.

GADON, Elinor W. *The once & future Goddess: a symbol of our time*. San Francisco, USA: HarperCollins, 1989.

GATTARI, Félix. *As três ecologias*. 17.ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

GORENDER, Jacob. *A escravidão reabilitada*. São Paulo: Ática, 1990.

JUNG, Carl Gustav. *A energia psíquica*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

KELEMAN, Stanley. *Anatomia Emocional*. São Paulo: Summus, 1992.

LINS, Regina Navarro. *A cama na varanda: arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo*. Rio de Janeiro, RJ: Bestseller, 2007

MUSEU DE IMAGENS DO INSCONSCIENTE. Disponível em: <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/museu-de-imagens-do-inconsciente.php>. Acesso em: 13/02/16.

ROGERS, Carl R. *Tornar-se pessoa*. 6. ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2009.

SHELDRAKE, Rupert. *A Ciência sem dogmas: A Nova Revolução Científica e o Fim do Paradigma Materialista*. São Paulo, SP: Cultrix, 2014.